



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Editorial

Vol. 12 N° 20

Autor: Fátima Bianchi

Universidade de São Paulo,

São Paulo, São Paulo, Brasil

Edição: RUS Vol. 12. No 20

Publicação: Dezembro de 2021

DOI: [https://doi.org/ 10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.193715](https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.193715)



É com enorme satisfação que apresentamos ao nosso leitor esta edição Nº 20 da RUS – Revista de Literatura e Cultura Russa, em comemoração aos 200 anos do nascimento de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski (1921 – 2021). Dos dezessete artigos que compõem este número, apenas dois apresentam temática livre. Em sua quase totalidade, os artigos foram desenvolvidos por pesquisadores brasileiros, que abordaram a obra do escritor nos mais variados aspectos: filosófico, histórico, sociológico, psicológico, etc.

A data do bicentenário do nascimento de Dostoiévski foi comemorada no decorrer deste ano no mundo todo, pois a relevância de sua obra não se restringe somente à literatura russa. Considerado um dos maiores escritores da literatura universal de todos os tempos, Dostoiévski, de acordo com Bakhtin, empreendeu uma revolução na forma literária. As inovações promovidas por ele foram de fundamental importância para a configuração do romance moderno e o conduziram para o centro do debate sobre o romance do século XX. Nesse sentido, a sua importância se fez sentir também na literatura brasileira e na formação de vários de nossos escritores.

A quantidade de trabalhos sobre a sua obra desenvolvidos em nosso país, nas mais diversas áreas do conhecimento, indica que, também entre nós, Dostoiévski é lido fundamentalmente pela sua sensibilidade aos sofrimentos humanos, pela representação das questões essenciais ao ser humano destacada em seus romances, e também pelo mundo que ele criou, antecipando em muito o nosso mundo atual. A despeito do tempo e do lugar em que a sua obra foi escrita, ela nunca perdeu sua atualidade, e Dostoiévski, por isso mesmo, continua sendo um dos escritores mais lidos até hoje também no Brasil.

Abrimos este número com um artigo de Colin Yoann, “Dostoïevski face à l’altérité, entre lecture bakhtinienne et interprétation lévinassienne. Notes sur *Dostoïevski, La Question de l’autre*, de Jacques Rolland”, que tem como objeto de abordagem o livro citado de Jacques Rolland, por oferecer um ponto de vista filosófico original e fecundo sobre a questão da alteridade, central nos grandes romances de Dostoiévski.

A seguir, apresentamos o artigo “*Memórias do subsolo: problemas interpretativos*”, de Davi Lopes Villaça, que procura desenvolver uma série de considerações sobre a complexa relação entre o autor e o narrador de *Memórias do subsolo* (1864), analisando seus pontos de identificação e de oposição e dialogando com diferentes abordagens críticas sobre esse tema.

Ainda sobre esta obra, no artigo “Ser (e deixar de ser) o homem doente, o homem mau e o homem desagradável: notas sobre *Memórias do subsolo*”, Diego Lock Farina, ao comentar e analisar as estratégias e o percurso narrativo de seu protagonista, levanta algumas observações centrais a propósito da obra e/ou da filosofia do tempo de Dostoiévski realizadas por René Girard, Bakhtin, Nietzsche, Sergio Givone, dentre outros.

Na sequência apresentamos o artigo “O solipsismo memorial de Anton Lavriéntievich G-v em *Os demônios*, de Dostoiévski”, em que o autor, Ednilson Rodrigo Pedroso, a partir das concepções filosóficas de tempo e de memória de Santo Agostinho e de Henri Bergson, busca investigar como o discurso no romance, intrinsecamente vinculado às associações significativas da memória do narrador, pode viabilizar uma outra leitura da obra: a de uma crônica majoritariamente composta por solipsismos confessionais.

Em “O *flâneur* dostoiévskiano: errância e anonimato na capital russa do século XIX”, Júlio César Estevam destaca o tipo do *flâneur* como uma importante chave de leitura dos processos de modernização dos centros urbanos europeus. Em sua abordagem de *Pobre gente*, *Noites brancas*, *A senhoria*, *Humilhados e ofendidos* e *Crime e castigo*, o autor vê os conflitos, contradições, perspectivas e possibilidades que o *flanêur* dostoiévskiano encerra em si como consequência de sua nova e inquietante relação com a cidade moderna.

Em sua contribuição a este número com o artigo “Na cena, espaços, silêncios, errâncias, ‘Das memórias de um escritor fracassado’”, Susana Fuentes se concentra nas possibilidades que o romance *Humilhados e ofendidos* oferece de cena, de espaços e de um narrador “que vaga em duplos de si nas personagens que encontra no caminho e (in)formam seus passos”.

Na sequência, no artigo “Três leitores de Dostoiévski: Kulidjánov, Bresson e Scorsese”, Paulo Roberto Mendonça Lucas apresenta uma leitura de três obras cinematográficas que, de diferentes formas, como aponta o autor, estão relacionados às narrativas de *Crime e castigo* e *Memórias do subsolo*.

O artigo “Dos corpos aos crematórios: ideologia e ironia em *Bobók*”, de Elizabete Barros de Sousa Lima e Otávio Augusto Buzar Perroni,

discorre acerca da importância da literatura de Dostoiévski para a formação crítica social por meio do riso.

No artigo “Dostoiévski e Literatura-Mundial: apontamentos para uma solução do enigma de Mister Astley”, João Marcos Cilli de Araujo, partindo de uma problematização da leitura positiva que se faz de Mister Astley – personagem associado ao ocidente no romance *Um jogador* –, ao inserir o personagem na economia-mundo capitalista e ler essa obra a partir da problemática da Literatura-Mundial, busca apontá-la como o retrato do nefasto imperialismo britânico.

Em “Dostoiévski e a compaixão: leituras éticas dos *Escritos da casa morta*”, Rodrigo Siqueira Batista, Pedro Pedretti, Fabíola Alves Alcântara, a partir da exposição de uma série de elementos sobre a vida e a obra do escritor que se destacam no livro *Escritos da casa morta* e permitem a formulação de uma série de reflexões de natureza moral, apresentam em seu artigo uma discussão sobre as possibilidades de uma **ética dostoiévskiana da compaixão**.

Em “O eclipse da razão: a loucura em *Crime e castigo*”, Antonio Maurício Martins Neto e Carolina de Fátima Linhares Augusto propõem que o romance *Crime e castigo* sugere um olhar metafísico sobre a loucura e o contrapõem a uma percepção imediatamente adversa ao orgânico e patológico empreendido pela psiquiatria alienista que surge no século XIX. O artigo discute uma escrita da loucura como crítica de uma perspectiva desse fenômeno como “doença mental”.

No artigo seguinte, “A arte involuntária de sonhar: o devaneio em *Noites Brancas*”, Rosanne Bezerra de Araújo e Lucas José de Mello Lopes, ao se dedicarem a uma análise temática do devaneio interligada à descrição simbólica do espaço em *Noites brancas*, procuram explorar os caminhos do protagonista (o sonhador) e a sua epopeia interior na novela.

No artigo seguinte, “O eu e sua dualidade: uma releitura de *O duplo*, de Dostoiévski”, Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira procura elaborar uma releitura da novela *O duplo* tomando como foco a temática da duplicidade como um desdobramento do eu segundo a visão psicanalítica freudiana.

Aurora Bernardini contribuiu para esta edição com o ensaio “Nabokov, Dostoiévski e... Tolstói”, em que comenta alguns aspectos da controversa abordagem crítica de Nabokov sobre obras de Dostoiévski e aponta seus autores russos favoritos, sobre os quais escreveu trabalhos mais extensos, Gógol, Tolstói e Tchekhov.

Já no ensaio “O ‘herói’ demasiado humano de *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski”, José Eduardo Fonseca Brandão e Tanara

Dourado Arejano Vaucher procuram explorar, através dos relatos do narrador de *Memórias do subsolo*, suas características e atitudes demasiadamente humanas, seja em sua racionalidade seja, principalmente, em sua irracionalidade.

Na seção de artigos de temática livre, em “Benjamin Abramson en la revista *Claridad*: las primeras traducciones directas del ruso en Argentina”, Florencia García Brunelli se propõe a descrever as práticas de tradução do emigrado russo Benjamin Abramson na revista *Claridad*, publicada entre 1926 e 1941, e explicar a forma como elas se relacionam com o posicionamento ideológico do tradutor no quadro dos principais debates políticos e literários de esquerda travados na revista.

Para fechar este número, apresentamos a tradução para o português brasileiro do conto “O divã de tia Sônia”, de Mikhail Kuzmin, realizada por Yuri Martins de Oliveira, precedida por uma nota introdutória que destaca o fato de tratar-se do primeiro escritor russo a abordar a homossexualidade em seus textos.

Boa leitura!

Fátima Bianchi¹

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. Professora da área de Língua e Literatura Russa e do Programa de Pós-graduação em Literaturas Estrangeiras e Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas; <https://orcid.org/0000-0003-4680-9844>; fbianchi@usp.br